

O predomínio de masculinidades: narrativas de jogadoras de futebol do interior do Rio Grande do Sul (Brasil) nos anos 1980

Cláudia Samuel Kessler
UFRGS
Maria Catarina Chitolina Zanini
UFSM

Resumo: Neste artigo, são apresentadas narrativas de jogadoras denominadas pioneiras do futebol no interior do Rio Grande do Sul, Brasil. Por meio de análise qualitativa, são analisadas as vivências de diversos desafios por essas jogadoras, tais como preconceitos sociais, falta de incentivos e ausência de ensino do futsal na Educação Física escolar. Somente após a revogação de normas jurídicas que impediram competições de futebol oficiais entre 1941 e 1979, as jogadoras de futebol e futsal (naquela época denominado futebol de salão) voltaram a praticar esses esportes visando a uma possível profissionalização. As atletas amadoras entrevistadas iniciaram suas práticas em espaços dominados por homens. Os padrões reproduzidos por elas, em grande parte tiveram como referência o modelo adotado por homens frequentadores desses locais - um padrão masculino, aqui problematizado.

Palavras-chave: Gênero. Masculinidades. Futebol. Narrativas.

The predominance of masculinities: narratives of women soccer players in the interior of Rio Grande do Sul (Brazil) in the 1980s

Abstract: This paper presents narratives of players named as pioneers of soccer in the state of Rio Grande do Sul - Brazil. Through qualitative analysis, we analyzed the experiences of many of the challenges lived by players such as: social prejudices, lack of incentives and lack of teaching this practice in Physical Education. Only after the repeal of legal rules prevented official soccer competitions between 1941 and 1979, the players returned to practice this sport aiming a possible professionalization. The amateur athletes interviewed began their practices in areas dominated by men. The patterns played by them largely were based on the model adopted by these local men - a male pattern here problematized.

Keywords: Gender. Masculinities. Soccer. Narratives.

Conforme análise qualitativa de entrevistas realizadas com jogadoras de futebol de Santa Maria (interior do estado do Rio Grande do Sul, Brasil) e observações participantes com o grupo¹, pôde-se perceber que diversas foram as mudanças ocorridas na prática da modalidade desde o início de sua liberação competitiva (no início da década de 1980) até os dias atuais². Afora as mudanças físicas referentes aos locais de prática, pôde-se ainda perceber

as constantes mediações que aconteceram entre interesses individuais e coletivos, bem como as interferências de esferas de poder que circundavam o grupo de jogadoras.

O entendimento dessas esferas permite que se possa identificar tal situação como um campo (BOURDIEU, 2007), em que agentes disputam representações, interesses e recursos. No caso aqui analisado, percebeu-se nas narrativas a circulação de representações acerca do feminino e também do masculino (o que popularmente é enunciado como “coisas de homens” ou “coisas de mulheres”, ou seja, atitudes permitidas ou vetadas aos gêneros).

A análise dicotômica e hierárquica entre homens e mulheres / masculino e feminino/ cultura e natureza ainda existe na produção acadêmica brasileira e internacional. Longe de serem separações aleatórias, ao se consultar Butler (1990), pode-se perceber a intencionalidade das categorizações de gênero e de sexo, as quais qualificam os corpos no interior da cultura.

Assim, como apontado pelas ideias da autora, o poder relacionado às questões de gênero não operaria somente na regulação, mas sim na construção de sujeitos gendrados que se sujeitam a tais categorizações. Há poderes que se desdobram, dessa forma, nas construções das subjetividades gendradas. Como ressaltado por Foucault (2004), o poder está em rede, em circulação, e conhecer os processos de regulação e sujeição é algo extremamente rico para se compreender as construções relativas a gênero e suas dinâmicas, dialogicamente.

Historicamente, tanto o futebol quanto o futsal femininos³ sofreram com as imposições normativas governamentais brasileiras, que restringiam a competição em determinadas modalidades, pelo Decreto-Lei nº 3199, de 1941. Embora houvesse essa restrição, diversas mulheres continuaram realizando a prática do futebol, porém, apenas com viés recreativo (nos momentos de tempo livre) ou em apresentações com finalidade beneficente.

Após a liberação do futebol e de outras modalidades à prática competitiva, no início da

década de 1980, pôde-se perceber, conforme discurso das jogadoras, que houve um forte crescimento na prática do futebol por jogadoras do estado do Rio Grande do Sul. Porém, a iniciação no futebol e no futsal era (e ainda é) muito ligada aos padrões de *performance* masculinos. As mulheres são comparadas com um referencial considerado "mais elevado", "melhor", sendo, dessa forma, mais valorizadas as *performances* de jogadoras que, no discurso, nativo são conhecidas como aquelas que "jogam que nem guri" ou que chutam e se organizam em quadra "que nem hôme", demonstrando maior habilidade ou conhecimento sobre o jogo. Conforme o relato de técnicos e até mesmo das próprias jogadoras, atingir o "padrão de excelência" masculino era considerado algo virtuoso, uma meta a ser alcançada pelas jogadoras.

Inicialmente, muitas das jogadoras santa-marienses começaram a prática do futebol na rua, nos campinhos e nos quintais de casa, participando também da transição para a prática do futebol sete⁴ e, posteriormente, para o futsal (na época denominado de futebol de salão). Conforme o número de atletas das equipes da cidade diminuía, elas migraram para novas modalidades que requeriam menos atletas e também utilizavam os pés, sem muitas alterações em relação às regras.

Principalmente por parte da torcida e dos familiares, era frequente o temor de que as jogadoras adotassem valores masculinos também fora do jogo (ou de forma exacerbada dentro dele). Portanto, eram recorrentes as repreensões e a moderação de atitudes que expressassem esses valores. Alguns desses valores masculinos são definidos por Devide (2005) como: competição acirrada, força, vigor, ênfase na vitória e agressividade. Dentre as características assumidas pelas mulheres no esporte, Devide (2005:41) ressalta o que considera um ganho:

A repulsão às manifestações públicas de violência como expressão da masculinidade e o coroamento do código de conduta do *gentleman*, que punha as mulheres num

pedestal, trouxeram um ganho de poder às mulheres, limitando os homens a utilizarem suas vantagens sobre elas, como a força física e a superioridade como combatentes (...) (DEVIDE, 2005:41).

Ao longo do que se pode chamar de “processo civilizador” (ELIAS,1990), houve uma diminuição na aceitação da violência (pelo autocontrole), o que beneficiou as mulheres com a adoção dos códigos de ética cavalheirescos, reguladores dos comportamentos esportivos. A estrutura de organização ligada a instituições andriarcais reforçou a valorização de comportamentos esportivos considerados masculinos, tais como agressividade, impulsividade e força, mas essas características deveriam ser moderadas⁵.

A arena esportiva se apresenta, assim, como espaço de reafirmação e contestação de uma dominância de papéis generificados. Conforme Bourdieu (2003), uma chamada “ordem masculina” estaria implícita na divisão do trabalho. No caso do futebol, poder-se-ia dizer que essa divisão está presente principalmente dentro de campo, nas tarefas de mando e de decisão que são relegadas aos homens. A imposição também das vestimentas, mais do que uma escolha das mulheres, aparece como um reflexo de questões culturais de gênero, que, no Brasil, priorizam um modelo de feminilidade imposto com o intuito de que a mulher apresente uma aparência desejável ou *sexy*. O constante emprego da expressão “meninas”, na cobertura midiática, é um dos exemplos de nomenclatura que demonstra a valorização de mulheres jovens e belas.

Em comparação com outros esportes, em que os trajes são muito menores e os apelos sexuais mais evidentes, as jogadoras santa-marienses da década de 1980 apresentavam trajes masculinos (pois eram largos), bem como cortes de cabelo curtos, unhas sem esmalte e vestes sem acessórios (tais como brincos, pulseiras ou colares). Apresentar-se de tal forma fazia com que algumas fossem denominadas de lésbicas (sendo que muitos torcedores, conforme relatos das jogadoras, utilizavam formas pejorativas, chamando-as de sapatonas). A aparência

descuidada era um dos argumentos utilizados para invocar esse chamamento, sendo que muitas delas enunciavam apenas não possuir vaidade ou interesse em "se arrumar". Ou seja, estavam lá para jogar e não com o intuito de agradar os torcedores que, por ventura, ali estivessem buscando outros apelos visuais.

Ao abordar masculino e feminino, neste texto, adota-se a perspectiva de uma masculinidade hegemônica, utilizada no senso comum na construção de julgamentos sociais e estereótipos. Ao contrário dessa concepção, acreditamos que, além dessa visão dicotômica (masculino e feminino), existe uma pluralidade de interpretações: “Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes, não são representadas/os ou reconhecidas/os como 'verdadeiras/verdadeiros' (...)” (LOURO, 2011:38).

As jogadoras de Santa Maria, assim como Marta Vieira da Silva, cinco vezes eleita como melhor jogadora de futebol do mundo pela FIFA, também eram comparadas aos homens. Principalmente devido à estética, eram taxadas de masculinas. Muitas delas começaram a jogar nos campinhos ou em outros locais frequentados por homens (pai, irmãos, primos, sobrinhos, tios, vizinhos, amigos, companheiros). No início, por curiosidade em vivenciar a prática de um esporte que usava os pés ao invés de usar as mãos, as mulheres principiaram na prática do futebol. Silva e Moreira (2008) também relatam sua percepção sobre esse tratamento às mulheres praticantes de futebol.

Para as mulheres do futebol que não se importam em trajar uniformes semelhantes aos dos homens, restam as comparações pejorativas. Desta forma, Marta eleita por duas vezes a melhor jogadora do mundo, passou a ser mais conhecida como a ‘Pelé do futebol’. E tantas outras, sobrevivem graças a apelidos ou comparações do estilo de jogo com personalidades masculinas (SILVA e MOREIRA, 2008: s.p.).

Conforme relatos das jogadoras, as sensações proporcionadas pelo futebol eram diferentes das dos demais esportes e instigavam garotas que desejavam experimentar esta

prática que ainda não era ensinada nos colégios. Neste artigo, trabalharemos com narrativas de jogadoras, compreendendo que as atuais versões sobre o passado são leituras derivadas da posição presente dessas mulheres, conforme Halbwachs (1990). São, sob determinado ponto de vista, memórias esportivas, tais como a de Rosana⁶:

Entrevistadora - E por que tu preferiste o futebol?

Rosana - Porque eu comecei a achá interessante. Comecei a achá interessante... Como é que com o pé tu conseguia chutá, sendo que a vida inteira com uma bocha... tu não vai chutá uma bocha, né? Então sempre trabalhei com a mão... nunca tinha visto, a vida inteira... Sabia que o homem podia chutá... A gente achava que só o masculino que pode, e nós não. Aí quando eu comecei a vê aquilo de chutarem bola, chutarem bola... eu tinha uma impressão tão engraçada. Então a gente fazia aquelas bolona de meia ou de borracha, que doía o pé de montão. Botava duas ou três meia pra chutá aquela bola de borracha... e daí depois, a primera bola que eu ganhei, era de borracha. E também, doía muito quando a gente jogava na chuva, né... Então a gente corria nos campinho, jogando com aquele tipo de bola.

Após essa fase inicial, com a presença de diversas equipes amadoras e pouca diferenciação motora e técnica entre jogadoras, surgiram algumas tentativas de profissionalização entre as esportistas santa-marienses. Essas tentativas exigiram que as atletas "levassem mais a sério" os treinamentos e se dedicassem ao esporte de alto nível. Conforme enunciado por Simões (2003), a participação em atividades físicas, principalmente as de alto rendimento, reforça padrões patriarcais de beleza e feminilidade. Para Simões (2003), o esporte moderno utiliza critérios discriminatórios e de subvalorização de papéis.

O ambiente social parece cultivar determinados valores para definir o homem: ativo, forte e agressivo. Quanto mais agressivo e ativo for o homem, mais másculo será aos olhos da sociedade; ao passo que, quanto mais passiva for a mulher, mais feminina ela parecerá. A dicotomia homem forte/mulher fraca funcionou como um protótipo, uma lei da natureza, a qual determinou as expectativas de conduta das mulheres em todos os segmentos sociais (SIMÕES, 2003:14).

Conforme anotações de diário de campo e entrevistas realizadas com jogadoras, pôde-se perceber que as mulheres que praticam o futebol ou o futsal apenas como modalidade de final de semana ou apenas para "manter a forma" estavam muito mais ligadas à ideia de feminilidade da Antiguidade Clássica, a qual, conforme Devide (2005), era associada às *ladys*

de séculos passados, que aparentavam ser frágeis e incompetentes. O medo de que suas filhas voltassem para casa machucadas era constantemente enunciado por pais e mães. Argumentos de ordem médica foram, inclusive, utilizados para afastar algumas jogadoras da prática esportiva.

Cristiane - A mãe sim, porque mãe é mãe, rezava pra eu não me machucar (risos), porque geralmente a gente vinha machucada. Eu era golera né. Ei... cansei de vir com dedo quebrado. E quebra dedo, enrola, e já seguia jogando. Tinha né, então umas coisas assim...

Maurine - (...) passei uma semana em casa, de perna erguida, sem podê caminhar. Foi quando o médico disse assim, ó: '99%, se ela continuá assim, nós vamo tê que amputá a perna, se ela continuá nesse ritmo'. Aí chamaram a minha irmã e quando ela foi me buscá, era num estágio em que eu tava de perna erguida e veio as gurias tudo... E ela tava enloquecida e disse pras gurias: 'Olha, o negócio é o seguinte.. Que seja a última vez que vocês vem pegá ela pra jogá, porque ela não vai mais jogá. Porque amanhã ou depois ela vai tá entrevada numa cadeira e não vai tê ninguém de vocês que vão vir pra me ajudá'. Claro que na hora eu não gostei, mas ela tava me prevenindo pela minha saúde, né. E aí aos poucos fui largando (o futebol).

As tentativas de profissionalização do futebol das mulheres

A espetacularização do futebol de campo, processo que se fez mais evidente principalmente após a segunda metade do século XX e no futebol praticado por homens, tornou o esporte ainda mais agressivo, competitivo, ressaltando a ênfase na vitória. Dessa forma, “o nível de profissionalização – ou se preferirmos, de elevada comercialização do jogador – retirou de vez do futebol aquela inocência do amadorismo, manifesta inclusive no *fair play* e base cultural de sua autonomia” (RIBEIRO, 2007:64). Em relação ao futebol praticado por mulheres, o que se pode evidenciar é, ainda, a falta de uma espetacularização, que pode ser associada estrutural e performativamente ao futebol de homens dos anos 1970 (em que eram destaque os jogadores Rivelino e Pelé), com as devidas distinções históricas.

A "vitória a qualquer custo" e as demonstrações de alta competitividade eram evidentes nos discursos de muitas das jogadoras da década de 1980, as quais afirmavam que

esse posicionamento era proveniente de uma "liderança nata". Porém, para formar equipes fortes e competitivas, elas tentaram assimilar os padrões de jogo e a organização dos times de homens. Para isso, tentou-se formar uma seleção de Santa Maria, experiência que desgastou profundamente algo que era muito importante para vários dos times: a coletividade.

As melhores jogadoras de cada equipe foram convidadas, enfraquecendo, porém, suas equipes originais. Essa tentativa de profissionalização e de aumento na qualidade técnica ignorou o princípio da coletividade em prol da valorização de uma concepção individualista, que reforçava o poder dos homens dentro do futebol de mulheres. O papel dos homens, na busca de *performances* de qualidade (masculinas), aumentava a influência deles.

A busca por fama, satisfação pessoal ou emancipação financeira a elas era permitida, contudo, bastante limitada. Os uniformes (também chamados de fardamentos – em uma referência militar raramente comentada) eram emprestados pelas equipes de homens; o campo era emprestado pelos dirigentes (quando não havia jogo ou treinamento dos homens); a preparação física e as orientações técnicas eram ensinadas por homens.

As *performances* esportivas bem-sucedidas no futebol e futsal de mulheres parecem ser aquelas que vão além do aspecto estético das firulas ou embaixadinhas, apresentadas por jogadoras que demonstram em quadra terem aprendido em contato com homens - o que pode ser chamado de capital futebolístico (DAMO, 2008). Dentre os capitais futebolísticos mais valorizados no esporte de alta competição, podem-se enunciar os títulos, que fornecem a seus detentores mais prestígio e poder (DAMO, 2008).

Apesar das fortes cobranças realizadas às mulheres desde 1980 para atingirem "um nível de jogo igual ao dos homens", não obstante se pode perceber que a lógica do mercado não as favorecia em termos de profissionalização. As mulheres não eram bem remuneradas e as poucas que recebiam algo, pode-se dizer que ganhavam apenas um auxílio financeiro,

como para a compra de tênis, passagens, lanches ou pequenas quantias monetárias para jogar algum torneio.

Por carecer muito de recursos financeiros, o futebol feminino ainda raramente premia alguma atleta com dinheiro, utilizando outros recursos como elementos de persuasão, tais como os vínculos afetivos e identitários (em que as atletas são separadas entre as que "têm amor à camiseta" e as "atletas de aluguel"). Dessa forma, o sentido de coletividade é bastante presente em alguns discursos, nos quais há a elevação do trabalho em conjunto, mesmo quando a jogadora apresenta uma *performance* diferenciada da das demais.

Érika - Tu tem que vê assim, que tu tem opções na vida. Nada é definitivo. Tu não vai ganhá dinheiro, não com a mentalidade de hoje dos dirigentes. Não vai ganhá dinheiro nenhum. O futebol é um lazer, um divertimento. Nenhuma dessas gurias até agora ganharam dinheiro. Pode até ganhá um salariozinho pra se sustentá, pagá a casa, mas não vão fica rica.

Nesse sentido, a responsabilidade é uma expressão bastante enunciada. Associada ao respeito e também ao bom relacionamento com o grupo, essas palavras se interligam no sentido de reforçar o que é considerado como o mais importante atributo para uma equipe de futsal ou futebol de mulheres: a união. Em algumas equipes, a qualidade técnica e a *performance* das jogadoras eram menos consideradas que o empenho que elas tiveram dentro e fora das quadras. Devido à "falta de comprometimento" com o grupo e à ausência de cooperação, havia jogadoras que, mesmo possuindo habilidades técnicas suficientes, ficavam no banco de reservas, sem jogar:

Tânia Maranhão - Uma coisa que eu nunca gostei de fazê é tá na quadra disputando uma partida e eu ficá individualista e não tocá a bola, não jogá em grupo, porque às vezes tu te dá bem e marca o gol e nas outras tu não faz o gol e tira a oportunidade da outra e não trabalha em conjunto... E na quadra tem que trabalhá em conjunto. Se tu tá num time disputando, é porque tu tem condição. E aí tu tem que trabalhá a cabeça, e não o pé.

Para desenvolver o capital futebolístico, era necessário dedicar-se. Porém,

frequentemente, a dedicação dessas atletas não era bem vista por suas famílias. Como argumento evocado, os familiares se utilizavam não apenas de assertivas referentes aos ínfimos retornos financeiros, bastante evidentes. Os ambientes frequentados pelas jogadoras (os campos de várzea) não eram considerados adequados. Eram percebidos como locais perigosos; pois eram abertos, sem iluminação, com vasta possibilidade de assédio de homens e perigo à integridade física das garotas.

Pairava ainda, por parte das mães e de alguns familiares, o medo da masculinização das garotas que jogavam futebol, meio que era dominado por homens. Simões explica que "o uso de expressões como 'mulher-macho', 'não-feminina' e 'lésbica/sapatão' serve para justificar a presença feminina no esporte de alto rendimento e as manifestações da sexualidade que são marginalizadas" (2003:10).

Mesmo não participando de competições que exigissem desempenho muito elevado, por serem amadoras e não possuírem premiações em dinheiro (além dos corriqueiros troféus e medalhas), havia jogadoras que sofriam com manifestações da torcida, em grande parte por demonstrarem habilidades motoras "superiores" às das demais jogadoras. Muitas das habilidosas, apesar de apresentarem *performances* futebolísticas admiráveis, eram criticadas pela aparência masculina.

Assim como homens se consideravam (e alguns ainda se consideram) ofendidos nos ambientes esportivos por piadas e dizeres acerca de suas masculinidades (quando chamados de bichas ou fracotes), tais discursos pejorativos relacionados à sexualidade ou à *performance* esportiva eram utilizados na modalidade feminina com o intuito de agredir as jogadoras. Esses discursos não eram proferidos apenas por outras jogadoras adversárias, mas também pela torcida adversária (composta por homens e mulheres), visando desestabilizar emocionalmente as jogadoras ao chamá-las de masculinas.

Entrevistadora - E tu sofreste preconceito por jogar futsal?

Bárbara - Não. Só fui xingada (risos). Já falaram horrores pra mim.

Entrevistadora - E o que falaram?

Bárbara - Ah, "Tira esse homem daí" (risos), "Isso não é mulher, isso é um homem" (risos) e... falam coisas, nomes ridículos que falam, né... só.. E vinha de homens e mulheres... Falam pras gurias também... Uma vez me chamaram de homem e me deu vontade de abaixá (as calças), né... Aí as gurias disseram "Para, guria! Não faz isso que vai ficá feio pra ti"... e eu fiquei brava, né. Nada a vê o que eles falam. E era time que tava perdendo pra gente, até mesmo agora em Nova Palma, falaram horrores pra nós.

Além dos impedimentos relacionados aos grupos externos e que podiam dificultar a entrada das jogadoras em quadra, as equipes precisavam também lidar com questões internas. A evidente liderança de algumas jogadoras e o desejo pela vitória as impeliam a exigir empenho das demais. Algumas dessas jogadoras utilizavam xingamentos para realizar suas cobranças e exercer seu poder perante o grupo.

Xingar outras atletas era um recurso utilizado para agredi-las psicologicamente e causar impacto ou, até mesmo, para sobrepor-se e mostrar sua “força” dentro do grupo. Insultar, gritar ou repreender eram também recursos de autoridade, utilizados por jogadoras mais velhas para exigir mais dedicação do grupo ou para chamar a atenção das mais novas para os detalhes a serem observados na execução de jogadas ou treinamentos. A seguir, eis o relato de uma jogadora que, na época, era “mais nova” e foi repreendida por uma “mais antiga”, uma das “donas do time”.

Bárbara - Ela brigô comigo num treino e não gostei. Ela gritô comigo, me xingando, peguei minhas coisas, virei as costas e saí do time. Sei lá, acho que é abuso de autoridade, porque era bem mais velha que eu, uma das fundadoras do time. E daí eu disse "Ah, isso não vai ficá assim", e vim embora. Nós tava treinando e ela me xingô porque eu não dei o passe perfeito, porque a gente tava fazendo umas jogadas ensaiadas e eu não consegui acertá. Ela deu um grito assim, fora dela... porque ela nunca tinha feito com ninguém, se estorô simplesmente, e eu fui embora.

Conforme Soares (2005), as regras relacionadas às práticas esportivas educam e induzem, valorizando a competição e o consumo (de práticas, de objetos, de modos de viver). Soares (2005) afirma que ter o rendimento como único objetivo parece a legitimação de uma

prática de controle que se sobrepõe à singularidade das diferentes práticas, padronizando o prazer e a manifestação corporal. Esse domínio trazido às esferas da vida valoriza a forja de super-heróis, belos, fortes e capazes de exhibir o resultado dos esforços empreendidos. Essas representações heroicas se encontram muito próximas da idealização e longe das rotinas cotidianas de escassez de recursos, negando espaços de prestígio a diversos grupos de atores sociais que compõem o meio esportivo. Se existem heróis, as heroínas também existem, embora a maioria ainda esteja invisibilizada na historiografia esportiva brasileira.

A transformação do sofrimento em algo heroico e vendável, constantemente impõe ao corpo atlético novas regras, novos códigos e novas práticas. Essas imposições, ao invés de libertarem, tendem a oprimir e alterar as questões de sociabilidade entre os grupos. Pode-se, assim, entender que as práticas corporais "são discursos que movimentam ideais de corpo, saúde, beleza, felicidade humana e revelam segredos e desejos ocultos de indivíduos e das sociedades e culturas que as criam e destroem" (SOARES, 2005:60).

A busca pela valorização pessoal e pelo reconhecimento fizeram com que as representações do que é ser uma "boa jogadora" fossem alteradas no breve curso histórico por elas até agora percorrido. Todavia, sem conseguir ainda suplantar alguns dos aspectos relacionados ao temor à masculinização, esses receios são o que Devide (2005:130) considera como algo a ser superado na arena esportiva, algo que se pode chamar de "amarras estereotipadas dos papéis sexuais, que atribuem características masculinas ou femininas a determinados esportes e atividades físicas".

Os novos tempos demonstram a necessidade de superação das divisões binárias na análise entre espaços masculinos (públicos, competitivos) e espaços femininos (domésticos, reprodutivos). As qualidades físicas valorizadas, bem como as visões sobre o corpo, sua educação e a imposição de disciplinas de corpos produtivos (FOUCAULT, 2004), quando

trazidas à tona no discurso das jogadoras, demonstram uma mudança com relação a hábitos anteriormente praticados. Muitas delas pararam de beber, de fumar, realizaram dietas alimentares e, até mesmo, mudaram suas práticas e visões sobre questões que anteriormente lhes eram incômodas ou desnecessárias, como a realização de alongamentos físicos antes e após os jogos.

Estér - Ah, o aquecimento é fundamental. Por mais que naquela época não tinha tanto essa visão. Mas eu sempre antes de entrá aqueci, alonguei... sempre... desde... (silêncio)... desde pequeninha, de piá. Mas tem uma coisa que comentam que é que eu detesto caminhá, eu tenho pavor, mas se tu me colocá a jogá o dia inteiro, eu fico o dia inteiro na quadra, jogando sem problema nenhum.

Considerações Finais

O futebol de mulheres santa-marienses, desde o início de sua prática até o tempo presente, tem passado por diversos cerceamentos e interferências por parte de agentes e agências que não podem ser classificados nem como expressamente masculinos, nem femininos. As relações de poder instituídas não se relacionam apenas com o gênero, mas com diversos fatores e relações de poder, os quais são estrategicamente mediados conforme os contextos históricos. Em alguns momentos, as ditas “masculinidades” (*performances* esportivas, habilidades) são privilegiadas; em outros, são favorecidas as ditas “feminilidades” (aparência, obediência).

Famílias, dirigentes e outros atores com influência sobre as jogadoras se utilizavam de diversos mecanismos que visavam à coação, ao desestímulo e ao afastamento das jogadoras da prática esportiva. Nas narrativas das jogadoras, era evidente a insatisfação perante essa situação, bem como o sentimento de frustração diante das remotas possibilidades de mudança ou de êxito profissional.

Desde o início da década de 1980 até os dias de hoje, do *boom* do futebol de mulheres

até sua atual extinção competitiva em Santa Maria, diversos acontecimentos propiciaram uma evidente diminuição no número de atletas e a manutenção do privilégio dos homens nos campos de futebol.

Na atualidade, o panorama nacional não é muito diferente do de Santa Maria, pois muitas das equipes não conseguiram ainda sair do plano amador sequer em suas estratégias discursivas (e em termos práticos, estão ainda mais distantes de concretizar o que muitas das jogadoras definem como um sonho: a profissionalização). Podem-se perceber mudanças, como as tentativas de profissionalização do futebol de mulheres com as equipes Centro Olímpico (SP) e Foz Cataratas (PR). E, até mesmo, pode-se relembrar as grandes expectativas que foram depositadas na extinta equipe de futebol de mulheres do Santos (SP). Porém, as jogadoras brasileiras recebem salários muito baixos. Quando recebem algo para jogar, os ganhos se restringem a um salário mínimo, bolsa de estudos, moradia e/ou cuidados médicos.

Em termos de avanços da profissionalização do futebol, poucos são os modelos que têm se mostrado sustentáveis ou exitosos. Os profissionais que trabalham no futebol de mulheres são, em grande parte, jovens iniciantes ou treinadores ainda sem prestígio no cenário regional ou nacional (os quais, em grande medida, quando ainda não tiveram a oportunidade de treinar equipes de homens, almejam ganhar visibilidade, “crescer” e treinar equipes com melhores salários e mais prestígio, ou participam apenas com o intuito de “ajudar” as jogadoras, repassando alguns dos aprendizados de suas trajetórias).

Os uniformes das equipes de mulheres geralmente são emprestados de outras categorias masculinas (como a mirim ou juvenil), bem como as demais estruturas (como campos, bolas, cones). Infelizmente, nada demonstra ser específico para o futebol de mulheres (quando em comparação ao de homens), sendo que a prática delas parece ser apresentada apenas porque já existia (e insiste em existir) e não porque constitui uma oportunidade para

que mais mulheres sejam bem-sucedidas ao expressar suas subjetividades e realizar essa modalidade esportiva profissionalmente.

- ¹ Este artigo utiliza dados da dissertação de mestrado intitulada “‘Entra aí pra completá’: narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria“. Sobre a metodologia e questões éticas relacionadas à construção deste corpus de pesquisa, consultar Kessler (2010). Sobre os nomes utilizados neste artigo, deve-se ressaltar que todos foram alterados. Optou-se por escolher aleatoriamente o nome de jogadoras da seleção brasileira de futebol de campo, como forma de valorização das jogadoras do interior do Rio Grande do Sul que não tiveram as mesmas oportunidades das que alcançaram renome internacional, mas que, igualmente, passaram por diversas dificuldades para conseguir praticar o esporte que desejavam.
- ² Na atualidade, o futebol de mulheres em Santa Maria pode ser considerado extinto, sem competições regulares ou equipes que o representem em competições regionais ou estaduais.
- ³ A denominação futebol feminino parece ser inadequada para se referir ao futebol de mulheres (KESSLER, 2012), mas foi aqui empregada por ser termo nativo (bem como ainda bastante utilizado pela mídia para se referir a essa modalidade, como marcação de gênero das práticas esportivas). Ao utilizar a expressão feminino se está referindo a um modelo de feminilidade normatizado, o qual algumas jogadoras preferem não adotar. Percebe-se o constante reforço de uma dita masculinidade, valorizada como modelo socialmente construído de *performance* esportiva, mas que não é seguido nem mesmo por muitos dos homens que praticam o futebol. O desvio da norma não deveria ser considerado como um empecilho para a realização da prática esportiva ou como argumento reafirmador de estereótipos sexuais.
- ⁴ O futebol sete é modalidade de grama (natural ou artificial) jogada com sete participantes ao invés de onze.
- ⁵ Pode-se também pensar nessa relação entre processo civilizador e prática esportiva ao se analisar a seguinte afirmação: “Quando pensamos o esporte a partir do gênero parece que há evidências consideráveis que levam a pensar que as modalidades esportivas, mesmo as de contato e com graus relativos de violências, foram crescentemente vistas como civilizadoras, no caso dos homens. No caso das mulheres, muitos desses esportes foram vistos como contrários à natureza feminina e, mais ainda, como masculinizantes e como fatores que podiam ajudar a desenvolver a violência entre as mulheres. Assim, os esportes teriam para os homens, pelo seu poder mimético, a capacidade de torná-los mais civilizados. No caso das mulheres, poderiam agir na direção contrária da flecha civilizatória” (LOVISOLO 2010: 34).
- ⁶ Embora alguns cientistas considerem a expressão do discurso nativo em forma coloquial como uma tentativa de inferiorização do nativo (o qual pode ser visto como ignorante ou “menos culto”), nos permitimos aqui expressar a fala nativa conforme coloquialmente expressada no intuito de evitar perdas na discursividade. O intuito desta escolha metodológica é a (re)produção das formas de expressão alternativas à documentação oficial, a qual engessa a oralidade dos diferentes grupos sociais à norma culta. Ao adequarmos as falas à norma culta estamos normalizando os discursos, assumindo uma uniformidade e uma formalidade inexistente na oralidade e no cotidiano, mas que nos é imposta por padronizações consideradas como as mais corretas. Os diálogos aqui transcritos revelam uma quebra em relação à violência implícita que se faz ao homogeneizar as diferentes formas de expressão existentes em nossa cultura. Revisitar o passado e as experiências vividas é aqui uma leitura individual (expressada conforme regras da sociedade local) e, como toda leitura, possui diferentes tons, diferentes ênfases.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. 2007. *O poder simbólico*. 11^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. 2003. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

DAMO, Arlei Sander. 2007. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec: Anpocs.

DEVIDE, Fabiano Pries. 2005. *Gênero e mulheres no esporte: histórias das mulheres nos jogos olímpicos modernos*, 1 ed. Ijuí: UNIJUÍ.

ELIAS, Norbert. 1990. *O processo civilizador—uma história dos costumes*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. 1993. *O processo civilizador*, volume II, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FOUCAULT, Michel. 2004. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes.

HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.

KESSLER, Cláudia. 2010. “*Entra aí pra completa*”: Narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria – RS. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. Rio Grande do Sul.

_____. 2012. Se é futebol, é masculino? *Anais do IV Seminário Nacional Sociologia & Política*. Curitiba, de 25 a 27 de setembro de 2012.

LOURO, Guacira Lopes. 2011. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes.

LOVISOLO, Hugo. 2010. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des)civilizador. *Logos 33*, Comunicação e esporte, vol. 17, nº 2, 2º semestre 2010.

MOREIRA, Anália de Jesus; SILVA, Maria Cacília de Paula. 2008. O futebol é feminino. O ‘jogo’, masculino: ‘um pouco’ da trajetória das mulheres baianas no processo de valorização do esporte. *Educación Física y Deportes*, Revista Digital. Buenos Aires, Año 13, Nº 124. Setiembre.

RIBEIRO, Luiz. 2007. Apresentação. In: RIBEIRO, Luiz. *Futebol e globalização*. Jundiaí: Fontoura: 11-16.

SIMÕES, Antonio Carlos. A mulher em busca de seus limites no esporte moderno. In: SIMÕES, Antonio Carlos (org.). *Mulher & Esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003.

SOARES, Carmen Lúcia. 2003. Práticas corporais: invenção de pedagogias? In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Orgs.). *Práticas Corporais: Gênese de um Movimento Investigativo em Educação Física*. 1 ed. Florianópolis: Nauemblu Ciências & Arte: 42-63.